

# resenhas bibliográficas / book reviews

**Pedro Paulo A. Funari**

Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas ([ppfunari@uol.com.br](mailto:ppfunari@uol.com.br))

Pétré-Grenouilleau, Olivier. *La traite des Noirs*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, 130 pp.

Brazil, Maria do Carmo. *Fronteira Negra. Dominação, violência e resistência escrava em Mato Grosso, 1718-1888*. Passo Fundo: Editora da UFPF, 2002, 176 pp.

## Dois livros sobre a economia escravista

A histórica econômica da escravidão tem avançado muito, nos últimos anos, tanto no Brasil, como no estrangeiro (e.g. Elbl, 2004; Florentino, 2002). Multiplicam-se tanto os estudos de caso, como os estudos mais amplos, e os dois volumes aqui reunidos correspondem bem a estas duas vertentes. Pétré-Grenouilleau, historiador econômico, autor de outros clássicos sobre o tráfico negreiro (Pétré-Grenouilleau 1995; 1996; 1997; 1998), apresenta uma visão macroscópica do comércio de cativos africanos, com a novidade de inseri-lo em um contexto histórico mais amplo e anterior à expansão marítima européia. Atribui a "invenção" do tráfico negreiro ao mundo muçulmano, a partir do século VII d.C. e calcula que, até o final do século XX, cerca de 14 milhões de pessoas tenham sido deportadas para terras islâmicas, da África do Norte ao Extremo Oriente. A entrada em cena do tráfico atlântico insere-se, portanto, em uma tradição muito anterior e que forneceu a base para sua efetivação, com um total estimado de 11.698.000 pessoas traficadas no Atlântico entre 1450 e 1900.

Pétré-Grenouilleau ressalta, também, o papel do tráfico nas sociedades africanas, como fator essencial para a manutenção das elites locais,

voltadas para a escravização de povos vizinhos, já que se calcula que três quartos dos cativos vendidos aos europeus tenham provindo de lutas intestinas africanas. Se do lado africano o tráfico servia à manutenção de desigualdades sociais e ao predomínio das elites locais, do lado europeu o comércio negreiro serviu ao capitalismo de diversas maneiras. O autor enfatiza o papel do tráfico no processo de mercantilização do mundo, naquilo que I. Wallerstein chama de transformação de tudo em mercadoria. O traficante desenvolveu a paixão pelo risco, componente essencial do capitalismo. O autor estuda, ainda, o longo percurso do abolicionismo, com destaque para a persistência do tráfico tornado ilegal, como resultado da continuidade da demanda econômica dos latifundiários, em diversas partes do continente americano.

Maria do Carmo Brazil, professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, coordena o Projeto Comunidades Negras, de valorização e estudo dos antigos núcleos de resistência escrava em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Brazil dedicou-se a um estudo de caso — a História Econômica da escravidão em um contexto periférico. De fato, não são numerosos os estudos do escravismo em áreas mais distantes do nordeste açucareiro e das áreas cafeeiras do sudeste. A autora mostra como a escravidão gerava resistências internas e fugas geradoras de quilombos. A política pombalina caracterizou-se pela defesa das fronteiras, com uma política de povoamento que a autora mostra dar-se em um contexto escravista: em 1800, 46% da população mato-grossense viviam em cativo e 16,42% eram brancos livres. Em 1815, com o enfraquecimento da mineração, diminuiu a proporção de escravos, mas aumentou a miscigenação. Muitos escravos deixavam de ser punidos com a pena máxima em razão de seu valor econômico, pois o prejuízo decorrente da prisão do trabalhador cativo, da invalidez causada por açoites ou da pena de morte podia frear a aplicação dos mecanismos mais severos da lei. Brazil mostra como o ambiente geográfico favorecia a formação de quilombos em áreas fronteiriças, muitas vezes em assentamentos indígenas.

Ambos os volumes demonstram, cada um à sua maneira, a importância dos contextos históricos concretos no estudo da economia da escravidão africana. Na África, o papel econômico da captura e da escravização liga-se às contradições de classe no interior das sociedades africanas. O tráfico desenvolveu-se e expandiu-se, por muitos séculos, na interação destes conflitos internos africanos e das necessidades de trabalho escravo, primeiro no mundo islâmico e, depois, também no mundo atlântico. O mercantilismo favoreceu a expansão do uso da

escravidão africana e do tráfico para amplas áreas do planeta, atingindo não apenas as áreas mais óbvias e ligadas ao sistema capitalista, como regiões periféricas e pouco integradas — caso da fronteira mato-grossense. Os interesses econômicos de escravistas e traficantes não se limitavam, portanto, às áreas tributárias do capitalismo global, mas atingiam os rincões mais distantes e menos integrados. Ambos os autores ressaltam, em suas obras, que a diversidade de modelos interpretativos em discussão tem sido produtora de um conhecimento menos unilateral e apriorístico, assim como propugnam a necessidade da multiplicação de estudos de caso que possam fornecer indicações sobre a diversidade e mesmo as contradições das situações escravistas concretas. Como propõe Brazil, "a compreensão do escravismo é impossível de se alcançar fora da férrea dialética entre o todo e a parte, entre o geral e o particular" (p. 159).

## Referências

- Elbl, Ivana. "Slaves are a very risky business...". Curto, José C; Lovejoy, Paul E. (Organizadores). *Enslaving annexions. Changing cultures of Africa and Brazil during the Era of Slavery*. New York: Humanity Books, 2004.
- Florentino, Manolo Garcia. *Em Costas Negras: Uma História do Tráfico Atlântico de Escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- Grenouilleau, Pêtré. *Joseph Mosneron (1748-1833), armateur négrier nantais. Portrait culturel d'une bourgeoisie negociante au siècle des Lumières*. Rennes: Apogée, 1995.
- \_\_\_\_\_. *L'argent de la traite. Milieu négrier, capitalisme et développement: un modèle*. Paris: Aubier, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Les négocees maritimes français, XVIIe.-Xxe. Siècle*. Paris: Belin, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Nantes au temps de la traite des Noirs*. Paris: Hachette, 1998.